

# POTI VELHO: ESPAÇOS, TEMPOS, E ITINERÁRIOS DE UMA COMUNIDADE PESQUEIRA E OLEIRA EM TERESINA-PI

Maria Dione Carvalho de Moraes<sup>1</sup>

Lucas Coelho Pereira<sup>2</sup>

## I- Introdução

Um cotidiano frenético de crianças, homens e mulheres a vender pescados e artesanato cerâmico às portas das próprias casas para turistas e outro/as visitantes que por ali transitam. A vivência ritualizada da pesca e de celebrações com as águas dos rios Poti e Parnaíba que ali se encontram e seguem juntos em direção ao mar, além das águas das lagoas de onde é extraído o barro para fazer peças cerâmicas, não são estranhos à realidade de moradores/as do Poti Velho.

O bairro Poti Velho, Zona Norte da cidade de Teresina, capital do Piauí, dista cerca de seis quilômetros do centro da cidade, localizado na confluência de dois dos mais importantes rios da Bacia Hidrográfica Parnaibana Piauiense: Parnaíba (margem direita) e Poti<sup>3</sup> (margem esquerda) (Fig. 1)

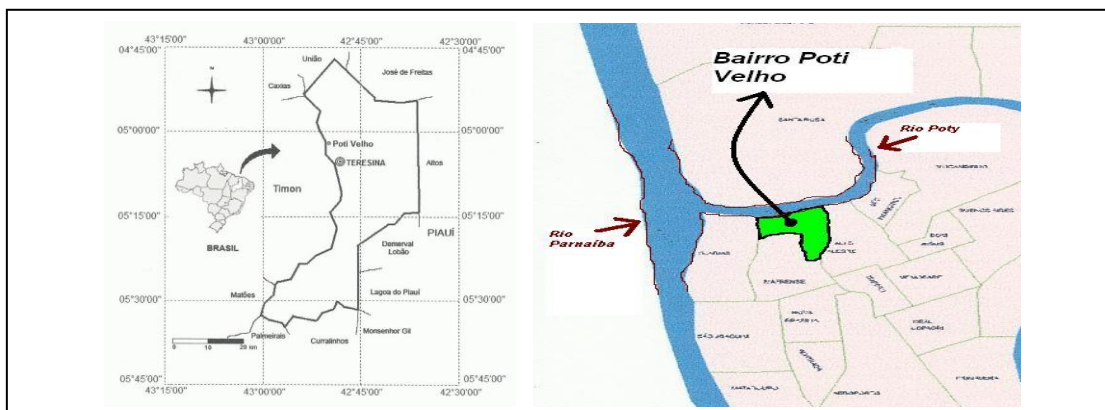


Figura 1: Poti Velho. Na sequência, Localização do Bairro na cidade de Teresina. Fonte: Amorim, 2005. O Poti e os Rios. Imagem elaborado pelos autores com base em mapa disponível em : [http://semplan.teresina.pi.gov.br:85/semplan/arquivos/Mapas/mapa\\_administrativo.pdf](http://semplan.teresina.pi.gov.br:85/semplan/arquivos/Mapas/mapa_administrativo.pdf). Acesso em 16 de março de 2012.

<sup>1</sup> Socióloga. Doutora em Ciências Sociais. Professora do Departamento de Ciências Sociais- CCHL/UFPI e dos Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas CCHL/UFPI; Antropologia e Arqueologia; Sociologia/CCHL/UFPI. E-mail: [mdione@superig.com.br](mailto:mdione@superig.com.br)

<sup>2</sup> Graduando do 5º período do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais- Universidade Federal do Piauí. (UFPI) Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (PIBIC/CNPq). E-mail: [lucascoelhoperi@hotmail.com](mailto:lucascoelhoperi@hotmail.com)

<sup>3</sup> Aí se localiza o Parque Municipal do Encontro dos Rios, uma reserva ambiental e ponto turístico.

De acordo com o censo demográfico do IBGE, de 2010, um total de três mil setecentas e trinta pessoas (3.730) habitam o bairro, das quais 53,43% são mulheres e 46,57%, homens.

O Poti Velho é reconhecido por teresinenses como uma comunidade de pescadores. Não por acaso, uma procissão de barcos em louvor a São Pedro, padroeiro dos pescadores, ocorrida sempre no dia vinte e nove de junho, parte do bairro e conta com ampla presença e participação de sua população. (AMORIM, 2010). Lá, também, pulsa, talvez como em nenhuma outra localidade do estado, o fabrico de artefatos em argila, a arte cerâmica, que, segundo Valladares (apud BRANQUINHO, 2008), constitui-se na forma mais rica e transcendental de expressão da cultura material brasileira. Desde muito cedo, boa parte dos habitantes do Poti vivencia(ra)m as experiências do fazer oleiro, seja no artesanato ou nas olarias da região.

Como parte de uma pesquisa sobre esta temática com foco nas mulheres ceramistas do Poti (MORAES, 2011), na presente comunicação procuramos descrever e analisar narrativas de historiadores, cronistas, jornalistas, e pesquisadores/as diversos sobre a trajetória do bairro Poti Velho, bem como de sua relação com a cidade de Teresina. Sem distinguir obras historiográficas, ensaístas, jornalísticas, optamos por organizá-las sob o rótulo de uma sociografia (SOUZA, 1997) ou seja, a construção do pensamento social expresso em discursos escritos e que definem uma trajetória do Poti Velho que vai de lugar das origens da cidade de Teresina, passa pela representação de lugar de pobreza e chega aos dias atuais como espaço de turismo, de artesanato e, mais recentemente, de políticas de reurbanização.

## **II- Poti Velho como lugar das origens**

Na mais antiga área de ocupação de Teresina, nos idos de 1760, já havia um aglomerado de fogos habitados por pescadores, canoeiros e plantadores de fumo e mandioca. A então barra do Poti era cortada pela estrada que ligava Oeiras (capital da Província do Piauí, localizada no centro-sul do estado) a Parnaíba, no litoral. Pela sua posição geográfica privilegiada, a Barra do Poti registrou extraordinário aumento populacional e se transformou em um dos maiores centros comerciais da região que daria origem à cidade de Teresina

(CARDOSO e DOURADO, 2003). Pesquisas bibliográfica e documental apontam para o Poti Velho como um “local de memória” (LIMA; MORAIS, 2008, p. 2), aceito incontestavelmente como o bairro mais antigo de Teresina e como palco dos primeiros povoadores da capital.

A propósito, Paulo Machado, em sua construção de um “quadro demonstrativo das distribuições espaciais das nações indígenas” (MACHADO, 2002, p. 24) mostra que, na confluência dos Rios Poti e Parnaíba, habitavam tribos indígenas da nação Tremembé. Isso, segundo o autor, em registros do século XVII.

Seguindo trilha semelhante, Padre Cláudio de Melo diz que fora justamente na barra do Poti, reduto de populações indígenas, que se instalou o bandeirante Domingos Jorge Velho e todos aqueles que o acompanhavam, na década de 1660. Bandeirantes e índios, de acordo com este autor, viviam divididos entre o trabalho no campo e os cuidados com o gado. A barra do Poti, então, um local próspero, deixou de sê-lo com a saída, dali, de Domingos Jorge Velho para os Palmares<sup>4</sup>, por volta de 1685. No final do século XVII, um caminho é aberto com a função de ligar o Maranhão a Pernambuco, à Bahia e ao Ceará. Esta estrada passava pela barra do Poti, fato que deu um novo ânimo à vida econômica e social do lugar. Gente de todos os cantos da, hoje, região Nordeste por lá passava. E a população aumentava... Em 1794, foi erguida a pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora do Amparo do Poti. “[...] Nos albores do século XIX o vale do Poti, só na sua margem direita, tinha 680 habitantes”. (MELO, 1993: 13).

Mais remotamente, em meados do século XVIII, fora criada a Capitania de São João do Piauí. Novos órgãos e instituições públicas foram estabelecidos. Segundo Nunes e Abreu (1995), vê-se claramente o Estado Português lançando mão de seus aparelhos de controle e dominação. Não tarda para que seja nomeado o primeiro governador da capitania, João Pereira Caldas. No contexto, a

---

<sup>4</sup> Quilombo dos Palmares, um dos mais importantes centros de resistência à escravidão no Brasil, formado na serra da Barriga, em Alagoas, ao longo do século XVII. Por volta da década de 1680, foi invadido e destruído por tropas comandadas pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho. (VICENTINO, DORIGO, 1997). Sobre a saída do bandeirante das terras piauienses para os Palmares, Monsenhor Chaves diz que, no pedido de cartas de sesmarias da viúva de Domingos Jorge Velho, D. Jerônima Cardim Frois registra que no ano de 1687, a chamado do Sr. Governador João da Cunha Souto-Maior, seu marido deixa a barra do Poti com cerca de 1300 índios e 80 brancos “em estado de guerra, aos negros fugidos e rebeldes dos Palmares, que insultavam, invadiam [...] e assassinavam os brancos em todas as capitanias de Pernambuco” (CHAVES, 1988, p.131)

Vila da Mocha, atual município de Oeiras, passou a ser a sede da Capitania. As freguesias de São João da Parnaíba, Parnaaguá, Jerumenha, Marvão, Valença e Santo Antônio de Campo Maior foram elevadas à condição de vilas.

Todavia, a despeito de tais medidas burocráticas tomadas pelo poder real, “não houve mudanças estruturais significativas na sociedade piauiense” (NUNES; ABREU, 1995, p. 89). As fazendas de gado continuavam ditando os padrões socioculturais, a partir do sertão do Piauí. A própria capital, como as demais vilas recém-criadas, pouco prosperou. Somente as vilas de Campo Maior, Parnaíba e a povoação do Poti, que apenas em 1832 é elevada á condição de vila, tiveram algum progresso.

A vila do Poti mostrava-se com uma localização geográfica privilegiada e, lá, as atividades econômicas floresciam consideravelmente. Ali era, também, um lugar de passagem entre o norte da província e o restante do Brasil. A capital, então, mostrava-se insuficiente para suprir os problemas da Província e encontrava-se praticamente isolada, com poucas condições de comunicabilidade com outras localidades.

Por volta do final da primeira metade do século XIX, dá-se início a um importante processo para a vida política e administrativa da província: a transferência da capital, de Oeiras, para a Vila Nova do Poti. Mas porque para a “Vila Nova do Poti” e não para a Vila do Poti que já existia? Na confluência de dois Rios, o Poti possuía um solo bastante fértil para a agricultura, entretanto, periodicamente via-se às voltas com diversas enchentes e alagamentos, ocasionados pelas cheias dos rios. Febres endêmicas também tornavam cada vez mais insalubre a vida do/as potienses.

Segundo Monsenhor Chaves (1998), tais calamidades da Vila do Poti resultaram na lei de nº 140 de 29 de novembro de 1842, através da qual o Governo Central autorizava os potienses a mudarem a vila de lugar. Os moradores do Poti, indignados, recusaram tal decisão. A resolução do governo caiu no esquecimento, mas não fora anulada. E foi justamente embasado nesta lei que José Antônio Saraiva, então presidente da província, convenceu parte de moradores/as do Poti a se deslocarem para a Vila Nova do Poti, localizada na Chapada do Corisco. Neste período, mais do que nunca, o Poti é hiperbolicamente descrito como um local insalubre, atrasado e maculado por diversas calamidades.

José Antônio Saraiva, então, compromete-se em ajudar à população potense nesse processo de transferência e a fazer da Chapada do Corisco a nova capital da Província a qual, em 1852, é instalada na Vila Nova do Poti, hoje Teresina. Sob a égide do progresso e dos novos padrões de civilidade, “a cidade já nasce embriagada de si mesma” (QUEIROZ, 2006, p. 173). Para trás, fica a Vila do Poti, ou melhor, a Vila Velha do Poti, atualmente, um bairro de Teresina, o Poti Velho (NUNES; ABREU, 1995).

Como diz Alcides Nascimento, Teresina nasceu sob o signo do moderno, numa ruptura com o passado. Para este autor, a transferência, em 1852, da capital de Oeiras para Vila Nova do Poti, pretendia aproximar do mundo a Província do Piauí com o novo centro de poder. Visava-se, ainda, diminuir a evasão de impostos, o que se dava pelo papel comercial exercido pela Província do Maranhão, em especial, pela cidade de Caxias (NASCIMENTO, 2010).

### III- Poti Velho como *locus* da pobreza

Nas diferentes mídias de comunicação, matérias jornalísticas referem-se ao Poti como “berço da história de Teresina”, “lugar da tradição”, “local dos primeiros povoadores da cidade”, mas, também, como lugar da pobreza. Lembramos com Francisco Alcides Nascimento que:

a nova capital nasceu também sob o signo da pobreza. Os legisladores, logo na segunda década de nascimento da cidade, já demonstravam preocupação com o tipo de habitação que cercava o núcleo central da urbe. O olhar dos dirigentes municipais, dos intelectuais, dos cronistas e visitantes para as “casas de palha” era um olhar de censura, de medo. A maioria dos moradores daquelas habitações era pobre, e tudo indica que esses formadores de opiniões conheciam os discursos construídos no Ocidente, que colocavam os pobres como “classes perigosas (NASCIMENTO, 2010, p. 1. As pás internas no roiginal)<sup>5</sup>.

Em reportagem intitulada: “Seu moço, a miséria anda de braço dado com a gente”, publicada no Chapada do Corisco, em 1976, Paulo Machado fala do

---

<sup>5</sup> A propósito, diz este autor: “no início de 1952, na edição do dia 20 de janeiro do *Jornal do Comércio*, foi publicado um artigo de título “Pobre Teresina” que nos remete, especialmente, para as condições estruturais da cidade, ou seja, a falta de instrumentos urbanos como calçamento, limpeza pública, água tratada para a população dos bairros, energia elétrica, mesmo no centro da cidade (...)” (NASCIMENTO, 2010, p. 3).

trabalho árduo e da exploração à qual eram submetido/as homens e mulheres que sobreviviam da pesca, pescadore/as profissionais, ofício este que, segundo o autor, encontrava-se em vias de desaparecimento. Na reportagem, o Poti Velho é descrito como um bairro pobre, de moradias humildes, com pessoas que reclamavam da desassistência do poder público e que tinham poucas opções de lazer.

O passado do Poti Velho é revisitado por Façanha, Leal e Chaves (2003), com destaque dado, na análise, às habitações precárias de moradore/as, às constantes enchentes que solapavam a região e às inúmeras doenças, decorrentes e que tornavam cada vez menos possível a vida na Vila Velha do Poti. Motivando a transferência de parte da população para a Vila Nova do Poti. Para os autores, no início da década de 2000, a condição do bairro ainda guardava semelhanças com a de outrora. E destacam o fato de a circunvizinhança do Poti ser marcada por condições miseráveis de existência, como ele próprio: “no bairro Poti Velho as condições socioeconômicas dos moradores da região são insuficientes” (FAÇANHA; LEAL; CHAVES, 2003, p.86).

No contexto, o comércio informal e o trabalho autônomo, sem vínculo empregatício legal, tampouco carteira de trabalho assinada, como, por exemplo, artesões/as, pescadores/as, vendedores/as ambulantes, constituíam-se nas principais atividades profissionais do/as moradore/as do bairro, pessoas, geralmente, de baixa escolaridade e de baixa renda (FAÇANHA; LEAL; CHAVES, 2003). Nesta perspectiva, o Poti, quando comparado com outros bairros de Teresina, é encarado como uma localidade que não acompanhou o processo evolutivo do município.

#### **IV- Poti Velho como pólo cerâmico e turístico e como *locus* de políticas de urbanização**

Três séculos depois do início da ocupação bandeirante no Poti Velho, teria início, ali, a produção oleira<sup>6</sup>. Dentre as áreas de extração de argila em Teresina<sup>7</sup>,

---

<sup>6</sup> A tradição cerâmica tem presença marcante em diversos municípios do Estado do Piauí, como Pedro II, Simplício, Mendes, Parnaíba, Oeiras, Floriano, São Raimundo Nonato e Teresina. Aí se apresenta uma variedade de produção de artefatos utilitários e artísticos:oringas, potes, alguidares, pratos e panelas, peças decorativas diversas (MORAES, 2011). Ainda sobre artesanato piauiense e de demais estados brasileiros, ver SEBRAE (2008).

<sup>7</sup> A disponibilidade, abundância e proximidade da matéria-prima dos locais de consumo, e seu aproveitamento para fins de necessidade de sobrevivência, fazem tal atividade de extração

o bairro Poti Velho, destaca-se há mais 50 anos. Tal atividade inicia-se por volta da metade dos anos 1960, sobretudo, por moradores/as da margem esquerda do rio Poti, muito/as do/as quais de origem maranhense, praticantes do ofício oleiro, sobretudo, na fabricação de tijolos e telhas para a construção civil e de peças de artesanato utilitário como filtros, jarros, e potes. Como lembra Roriz (2010) e como constatamos, na pesquisa de campo, quando referem os inícios, um nome sempre lembrado é Raimundo Camburã, apelido de Raimundo Nonato da Paz, que dentre outros, migraram do Maranhão para o Piauí em busca de melhores condições de vida.

Na atividade rústica de extração, preparação do barro e confecção das peças, a atividade oleira no bairro foi, desde o início, de domínio do masculino o que, no entanto, não significa que as mulheres estivessem totalmente ausentes desta atividade. Elas, tradicionalmente, transportavam as peças – sobre a cabeça – e as arrumavam para serem comercializadas (MORAES, 2011).

No processo de transformações urbanas da cidade de Teresina<sup>8</sup>, a exploração oleira sofreria alterações, as quais promoveram a exaustão de outras fontes de argila e novas demandas do setor da construção civil<sup>9</sup>. A expansão da atividade atrairia pessoas estranhas à comunidade, detentoras de poder econômico<sup>10</sup>, as quais passaram a explorar o ramo da olaria, transformando

---

apresentar formas diferenciadas, indo de áreas exploradas em escala industrial, àquelas de pequena escala, caso de populações que trabalham artesanalmente (PORTELA e GOMES, 2005).

<sup>8</sup> A propósito, lembramos a importância histórica da atividade oleira na construção da cidade de Teresina: na “linha de necessidade de higienização da cidade, a Prefeitura de Teresina publica uma nota explicando o recebimento de recursos financeiros do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, no valor de sete milhões de cruzeiros, a serem aplicados na eliminação das casas de palha, nas quais morava a maioria da população. O motivo da nota de esclarecimento foram as críticas à administração municipal, formuladas no *Jornal do Comércio*, na edição de 29 de junho de 1961. O depósito bancário foi realizado em nome da Fundação Popular Contra a Casa de Palha, cuja administração diz que os recursos estavam sendo empregados para financiar a fabricação de telhas, ou seja, os recursos eram transferidos diretamente para a *iniciativa privada*, sendo os oleiros que assinavam contratos para a fabricação de telhas as quais a Fundação repassava aos consumidores a *preço de custo*” (NASCIMENTO, 2010, p. 6)

<sup>9</sup> O Piauí é rico em argila cujas principais reservas localizam-se nos municípios de Teresina, Campo Maior, Picos, Piracuruca, Jaicós, Parnaíba, Valença, Floriano e José de Freitas (PORTELA e GOMES, 2005). Com cores e tonalidades variadas, as argilas piauienses apresentam predominância da tonalidade de cinza-médio a escuro, além das esverdeadas, amareladas, avermelhadas, e amarronzadas. As mais evidentes na superfície exposta das argilas das várzeas do rio Parnaíba são as duas últimas (CEPRO, 1996).

<sup>10</sup> A atividade oleira do bairro ganhou a atenção de mais de dez grandes proprietários de terra da zona norte de Teresina que se apropriaram dos 53 hectares da atual área de produção do tijolo artesanal, arrendando-a, em pequenos lotes, para trabalhadores oleiros e cobrando-lhes 20% da renda auferida. Esta investida ter-se-ia dado após esses proprietários terem exaurido a argila de uma lagoa localizada no bairro Nova Brasília, zona norte da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2011)

trabalhadores oleiros em empregados sem nenhuma proteção trabalhista, além de explorar indiscriminadamente a jazida ali existente (CARDOSO e DOURADO, 2003), o que veio a causar sérias consequências ambientais.

No final dos anos 1990, a categoria oleira se organizaria, politicamente, através da Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho-ArcePoti, criada em 1998, com a participação inicial de 15 homens e 5 mulheres. Posteriormente, já nos marcos da atual mirada da economia da cultura (DEHEIZELN, 2006), dá-se em 2006, a construção do Pólo Cerâmico no Poti Velho (SERPA, 2007). Progressivamente, as mulheres vão deixando de apenas transportar e arrumar tijolos, telhas, filtros, e potes para comercialização, e de pintar peças, e assumem um novo lugar: o de artesãs do barro, passando a também confeccionar peças cerâmicas.

As ceramistas do Poti vão-se apropriando de técnicas diversas de artesanato, passando a ter participação progressiva em cursos promovidos pelo Programa de Apoio ao Trabalho Informal-Peti, pelo Programa de Artesanato-Prodart, e pelo Serviço de Apoio à Pequena Empresa-Sebrae. Em 2004, participaram, pela primeira vez, da Feira Piauí, um evento de mostra e comercialização de produtos locais, dentre os quais peças artesanais, com colares cujas contas eram feitas de cerâmica e pintadas em cores diversas. Pouco depois, o Sebrae promoveu um curso sobre confecção de bijuterias, ministrado para 25 mulheres do bairro, donas-de-casa e trabalhadoras oleiras. A partir deste curso, oito mulheres deram continuidade à produção de artefatos cerâmicos. Novos cursos se seguiram e o grupo de artesãs foi como elas dizem, “ganhando identidade própria” (MORAES, 2011)<sup>11</sup>

A presença das mulheres na arte cerâmica do Poti Velho foi ganhando força e visibilidade. Nesta trajetória, em 2006, havia 30 mulheres envolvidas na atividade. Decidem, então, fundar uma cooperativa, com apoio da Fundação Municipal de Cultura Wall Ferraz. À frente, a artesã Raimundinha que já participava da diretoria da ArcePoti e que se desligaria do cargo para presidir a

---

<sup>11</sup> No interior da rede sociotécnica onde se situa parte da trajetória das ceramistas do Poti, são acionados vários sentidos e significados, negociados em meio a confluências e divergências que longe de representarem formalmente apenas oposição, devem ser vistos dialeticamente em recursividade. As ceramistas, como sujeitos históricos concretos, mostram-se capazes de lidar com universos ideacionais distintos, integrando-os, subjetiva e objetivamente, através da sua arte, esta, enraizada em um modo e projetos de vida (MORAES, 2011).



cooperativa de mulheres artesãs que passaria a ter um espaço físico próprio em um dos prédios do Pólo Cerâmico. Assim, a Cooperativa de Artesanato do Poti Velho-Cooperart passa a ser um espaço de protagonismo do feminino na arte cerâmica e na economia da cultura, atuando muitas vezes em parceria com a ArcePoti.

Esta situação vigoraria sem mudanças significativas, no que tange às fontes de extração de argila, até os anos 2008 quando se inicia o Programa Lagoas do Norte-PLN<sup>12</sup>, conduzido pela Prefeitura municipal de Teresina com vistas a promover mudanças naquela região da cidade, a qual passava por sérios problemas de degradação ambiental (PORTELA, GOMES, 2005), a ponto de moradores/as da região sofrerem ano após ano com cheias das diversas lagoas ali existentes, e com enchentes que alagavam ruas e casas. Segundo a Prefeitura de Teresina, o Projeto Lagoas do Norte visa à (re)valorização e (re)urbanização da área, com o foco na (re)vitalização ambiental, socioeconômica e cultural da área (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2011 a), Os componentes do programa podem ser vistos no quadro 1.

Um projeto de reassentamento populacional foi instituído pela Prefeitura Municipal de Teresina, objetivando compensar oleiros, posseiros, e trabalhadores assalariados, do sistema oleiro, pelas perdas advindas das obras realizadas pelo poder público municipal na chamada área II do Programa Lagoas do Norte-PLN, onde se insere o bairro Poti Velho. Tais obras visam ao saneamento e recuperação das áreas. E segundo Prefeitura Municipal de Teresina (2011), o projeto de reassentamento segue princípios das Políticas Operacionais do Banco Mundial (OP 4.12), as quais prevêm medidas atenuantes para a situação de pessoas e famílias involuntariamente reassentadas em decorrência da intervenção do poder público em áreas na qual residem ou trabalham.

Dentre tais medidas: assistência às pessoas/famílias afetadas, com vistas à restauração das condições de vida anteriores ao reassentamento, assim como a sua participação no planejamento e na execução das ações de compensação por perdas de caráter econômico e social. Até o momento, cerca de 250 pessoas

---

<sup>12</sup> “O Programa Lagoas do Norte - PLN visa melhorar as condições de vida e o desenvolvimento sócio-econômico e ambiental da região das lagoas situadas na zona norte da cidade de Teresina. Os recursos são provenientes de acordo de empréstimo entre a Prefeitura Municipal e o Banco Mundial - BIRD, com garantia e apoio financeiro de contrapartida do Governo Federal” (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2011 a)

foram alcançadas pela medida, com indenização em dinheiro e com medidas de reorientação profissional. (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2011).

LINHAS DE ATUAÇÃO	AÇÕES PREVISTAS
<b>I-Requalificação Urbana Ambiental</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-urbanização e reurbanização da região;</li> <li>-reestruturação do sistema viário;</li> <li>-implantação de loteamentos para reassentamento de famílias;</li> <li>-construção e melhoria de unidades habitacionais e implantação de parques urbanos;</li> <li>-melhoria da infra-estrutura de saneamento ambiental;</li> <li>-melhoria do sistema de abastecimento de água;</li> <li>-implantação do sistema de esgotamento sanitário;</li> <li>-melhoria do sistema de macro drenagem das lagoas e recuperação de áreas degradadas</li> </ul>
<b>.II- Desenvolvimento Econômico e Social, Com Ênfase Para a Educação Sanitária e Ambiental;</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-instalação e melhoria de equipamentos sociais e comunitários;</li> <li>-potencialização da capacidade de geração de emprego e renda;</li> <li>-estruturação do comércio local;</li> <li>-revitalização de núcleos de produção e comercialização;</li> <li>- fortalecimento do capital social.</li> </ul>
<b>III-Modernização da Gestão Municipal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-formulação de estudos e planos diretores e de ações de desenvolvimento institucional da Prefeitura Municipal de Teresina.</li> </ul>

**Quadro I:** Linhas de Atuação e ações previstas no Programa Lagoas do Norte. Fonte; Prefeituras Municipal de Teresinas (2011)

A ênfase é posta, como se conclui da leitura do documento oficial, na “compensação por perdas de caráter econômico e social” (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2011, p. 4). No entanto, não há referências às perdas culturais do bairro, sejam as relativas a um modo de vida, sejam à produção de artefatos cerâmicos diversos, com finalidades utilitárias e decorativas no âmbito da atividade oleira praticada no Poti Velho.

No entanto, para além da produção oleira, *stricto senso*, a arte cerâmica praticada com argila vermelha constitui um expressivo espaço de produção e comercialização, no bairro, em especial, no que tange às ceramistas que realizam esta atividade com vigor, interesse, disposição, tirando da sua arte prazer e premiações<sup>13</sup>, além do ganho material, no circuito da economia criativa.

<sup>13</sup> Em pesquisa em curso (MORAES, 2011, PEREIRA, 2012), venho trabalhando, a partir da coleção de bonecas de cerâmica intitulada “Mulheres do Poti” premiada com o primeiro lugar na “Casa Piauí Design”, em 2007, promovida pelo Sebrae, os sentidos agenciados no processo de concepção, execução e comercialização da coleção de peças. A mesma coleção recebe o

Com tais questões em pauta, o debate sobre o tema está em curso. Após cogitar-se sobre deixar uma área-reserva para a extração de argila para o artesanato, por se considerar que o impacto ambiental da extração restrita ao artesanato não era de vulto, ultimamente, fala-se em buscar esta argila em outras fontes mas, até o momento, as ceramistas ainda estão trabalhando com argila do local. Ante a possibilidade de que a matéria-prima a ser utilizada seja de fontes mais distantes, coloca-se a questão do encarecimento dos produtos e a ruptura de vínculos identitários no artesanato do Poti Velho, nascido do seu solo.

Como pano de fundo das múltiplas questões envolvidas, o tema da dimensão ambiental ganha a cena no processo. No entanto, pode-se pensar a situação da perspectiva do fenômeno conhecido como gentrificação (NOBRE, 2003)<sup>14</sup>. No caso em estudo, foram tomadas certas medidas administrativas as quais, mesmo se compensarem do ponto de vista material, nem sempre contemplam dimensões simbólicas como identidades, experiência, memórias, bens culturais que se incorporam a outros bens culturais como as próprias peças artesanais.

Sem defender a manutenção da degradação ambiental, dos problemas habitacionais, da precarização do trabalho, muitas vezes ocultos por trás das peças artesanalmente produzidas, o que põe em cheque a noção mesma de uma economia criativa, na contemporaneidade, a situação interpela à pesquisa no sentido de tornar mais compreensíveis as ações e sentidos que se constroem. Nesta perspectiva, este artigo dialoga intensamente com temas como história, memória e territorialidade, arte cerâmica, gestão da cultura, economia criativa, protagonismo de gênero, cidade criativa. Do ponto de vista prático, com a disponibilidade de mais um instrumento para o debate público sobre a situação e sobre situações semelhantes.

---

prêmio “Top 100”, em 2009, atribuído pelo Sebrae/NA. A tessitura da rede sociotécnica (BRANQUINHO, MARIA, SANTOS, 2011) envolvida (Sebrae, arquiteto/as, gestores públicos, instrutores, artistas) coloca questões para as quais a pesquisa busca compreensão, sobretudo, na perspectiva das ceramistas, do repertório simbólico das imagens desta coleção, assim como da sua presença no mercado de bens simbólicos. Um dos produtos desta pesquisa será um livro sobre as “Mulheres do Poti”.

<sup>14</sup> O termo gentrificação é um neologismo que vem do inglês *gentrification* que refere o movimento pelo qual pessoas das classes médias (*gentry*), bem abaixo da nobreza, ocupam áreas antes operárias, modificando-lhes o caráter (NOBRE, 2003)

#### IV-Considerações Finais

Autores e autoras aqui citados apontam para a seguinte constatação: as falas sobre o bairro Poti Velho emergem no cenário teresinense em contextos bem específicos.

Em primeiro lugar, na transferência da capital político-administrativa da cidade de Oeiras para a atual cidade de Teresina, com boa parte de historiadores e cronistas dissertando apenas superficialmente acerca do Poti e dos potiensens,

Em seguida, no processo de construção da nascente cidade de Teresina, com o Poti Velho retratado como um lugar de passagem, insalubre, pobre, sujeito às diversas doenças e a tantos outros tipos de mazelas, as enchentes, por exemplo. Passado esse momento de criação da capital, que nas narrativas históricas apresenta-se como símbolo do progresso e da civilidade, o Poti Velho cai praticamente em esquecimento. Poucos trabalhos dedicam-se a analisar de maneira complexa a situação sócio-econômica e cultural do bairro. E, nesse contínuo histórico, o Poti Velho passa a constituir-se como uma parte que ao mesmo tempo pertence e não pertence à cidade de Teresina. A cidade e o bairro Poti velho aparentam vivenciar tempos histórico-sociais divergentes.

Atualmente, voltam-se, novamente, os olhares para o Poti Velho, considerado como lugar de atrações turísticas da cidade como o Parque Ambiental Encontro dos Rios, e o Pólo Cerâmico do Poti Velho. Neste movimento, projetos urbanísticos empreendidos pelo poder municipal, como o Lagoas do Norte, têm dentre seus alvos, a região do bairro e de seu entorno. O discurso oficial de urbanização e valorização parece apoiar-se em um subtexto de que aponta para um processo de gentrificação.

Assim, na sociografia relativa ao Poti Velho revela-se um vácuo em relação ao registro da formação dos bairros, em Teresina. Em especial, o Poti Velho e sua população que no transcorrer do movimento histórico da cidade, aparecem como um tema e um *topus* liminar. Onde irão parar oleiros do Poti Velho? Aqui começa outra história....

#### Referências

AMORIM, A. N. Etnobiologia da comunidade de pescadores artesanais urbanos do bairro Poti Velho. Teresina/PI, Brasil. **Dissertação** (Mestrado em

- Desenvolvimento e Meio Ambiente)- Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005, pp. 30-37.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, pp. 255-270.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas e estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2008.
- CARDOSO, C. M. S.; DOURADO, J. M. S. Perfil dos trabalhadores em olarias do Mafrense. **Cadernos de Teresina**, Teresina, ano 8, n. 16, p. 70-75, abr. 2003.
- CHAVES, M. Cadernos Históricos. In: **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, pp. 161-181.
- CHAVES, M. O índio no solo piauiense. In: **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.129-132.
- FAÇANHA, A.; LEAL, M. N.; CHAVES, S. V. Fragmentos da realidade urbana de Teresina: Poti Velho e Vila Francisco Gerardo. **Cadernos de Teresina**. Teresina, nº 35, pp. 82-89, mar. 2003.
- FREITAS, Clodoaldo. **Histórias de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988, pp.11-21.
- LIMA, A. S.; MORAIS, M. L. **A história e a memória dos arte-ceramistas de Teresina – Piauí**. In: Anais do I Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural. Memória, ensino e bens culturais. Teresina/Piauí: UFPI e Anpuh-PI, 2008, 12 p.
- LIMA, A. J. Cidades, novas práticas estatais e o processo de segregação sócioespacial. SBS – **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, GT01 – B – Cidades: transformações, governança e participação – II, Belo Horizonte, 2005, 29 p
- MACHADO, P. H. C. **As trilhas da morte: extermínio e espolição das nações indígenas piauienses**. Teresina: Corisco, 2002, pp.24
- MACHADO, P. H. C. “Seu moço, a miséria anda de braço dado com a gente”. **Chapada do corisco**. Teresina, ano 1, nº4, p. 5, 1976.
- MARANHÃO, N.. **Nasce um novo Poti Velho**. 2006. Disponível em : <http://www.overmundo.com.br/overblog/nasce-um-novo-poti-velho> Acesso em 16 de março de 2012.
- MELO, C.. Teresina e seus primeiros povoadores. **Cadernos de Teresina**. Teresina, nº 15, pp. 12-15, dez. 1993.
- MORAES, M. D. C. Mulheres do Poti (gênero, identidade, memória: arte cerâmica e economia da cultura) . **Projeto de Pesquisa**, Teresina, 2011, 25 p.
- NASCIMENTO, F. A. **O olhar do outro sobre os pobres urbanos de Teresina na década de 1970**, 14 p. In: Anais do X Encontro Nacional de História Oral; Testemunhos: História e Política, Recife/PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- NOBRE, E. A. C. **Intervenções urbana em Salvador: turismo e “gentrificação” no processo de renovação urbana do Pelourinho**, 11 p. In: Anais do X Encontro Nacional da Anpur. Belo Horizonte: ANPUR, 2003.
-

NUNES, M. C. P.; ABREU, I. G.. Vilas e cidades do Piauí. In: SANTANA, R.N. M. (Org.) **Piauí: Formação. Desenvolvimento. Perspectivas.** Teresina: Halley, 1995, pp. 83-111.

PEREIRA, L. C. Atividades realizadas na pesquisa: “Mulheres do Poti”( gênero, identidade e memória: arte cerâmica e economia da cultura). **Relatório Parcial de Pesquisa bolsista PIBIC- CNPq**, 2012, 94 p

PORTELA, M. O.; GOMES, M. J. A. **A extração de argila no bairro Olarias (em Teresina – PI) e suas implicações socioeconômica e ambiental**, 25 p VI Encontro Nacional da ECOECO, Brasília-DF, 2005 Disponível em: <http://www.ecoeco.org.br/2/publicacoes/encontros/110-vi-encontro-nacional-da-ecoeco-brasilia-df-2005>. Acesso em 02 de abril/2007.

**Poti velho passou de vila de pescadores a centro para turismo e artesanato.** 2011. Disponível em: <http://180graus.com/geral/poti-velho-passou-de-vila-de-pescadores-a-centro-para-turismo-e-artesanato-438292.html>. Acesso em 16 de março de 2012

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. Programa Lagoas do Norte. **Projeto piloto Melhoria Habitacional de Domicílios da área I do PLN: Canal Padre Eduardo/ bairros São Joaquim e Matadouro.** Teresina, 2011, 50 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **Projeto de reassentamento econômico e social dos oleiros do Poti Velho.** Teresina, 2011a, 24 p.

QUEIROZ, T. J. M. Teresina: história e imaginário. In: **Do singular ao plural.** Recife: Edições Bagaço, 2006, pp. 171-181.

REIS, A. C. F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura.** Bauru, SP; Manole, 2007.

SERPA, M. **Pólo Cerâmico do Poti Velho modifica a cultura de produção do Barro.** 2007. Disponível em: <http://www.webjor.jor.br/pagina.asp?secao=Cultura&id=72>. Acesso em: abril de 2011.

SOUZA, C. V. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro.** Goiânia: UFG, 1997.

TERESINA. **Teresina em bairros.** Prefeitura de Teresina/SEMPLAN: Teresina, 2002. Disponível em: [http://semplan.teresina.pi.gov.br:85/semplan/arquivos/the\\_bairros/Bairros\\_PDF/Bairros\\_Norte/Poti%20Velho.pdf](http://semplan.teresina.pi.gov.br:85/semplan/arquivos/the_bairros/Bairros_PDF/Bairros_Norte/Poti%20Velho.pdf). Acesso em 16 de março de 2012.

VICENTINO, C.;DORIGO, G. **História do Brasil.** São Paulo: Scipione, 1997, p. 111.

---